

Festival Filmambiente, no Estação NET Rio, aposta numa leva de títulos do Visions du Réel, a Cannes da produção documental

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Já tem data para a próxima edição do festival europeu considerado uma espécie de Cannes do documentário, o Visions du Réel, criado em 1969 e realizado em Nyon, na Suíça: de 17 a 26 de abril de 2026, experimentos de não ficção do mundo todo passarão por lá. Falta muito para sua programação começar, mas o Rio de Janeiro terá chance de provar do gostinho plural de sua seleção recente via Estação NET Rio num intercâmbio entre o evento helvético e a grade de 2025 do 14º Filmambiente.

Essa mostra, uma das mais tradicionais do Brasil quando o assunto é a representação da ecologia nas telas, segue até o dia 5 em solo carioca. Sua curadoria estabeleceu uma parceria com a maratona documental dos suíços e ofereceu a ela uma Carte Blanche a fim de receber uma fornada de longas que pensem a saúde física do planeta.

“Abordamos a questão ambiental, entre muitos temas, a partir de tópicos urgentes do mundo, como as mudanças climáticas e a preservação da Amazônia, sempre sob a chave temática da sobrevivência”, explica Mourad-Anis Moussa, membro do comitê de seleção e codiretor de programação do Visions du Réel, ao avaliar sua interseção com o Filmambiente, criado em 2011 pela produtora Suzana Amado.

Moussa passa pelo Rio neste fim de semana para ministrar uma masterclass sobre curadoria para 35 diretores, produtores e curadores convidados

“Nosso festival aposta em abordagens pessoais e autorais para questões de urgência trazendo múltiplas perspectivas para discussões filosóficas da contemporaneidade”, diz o programador ao Correio da Manhã.

Com apoio da Embaixada da Suíça, o Visions du Réel incluiu seis filmes na Carte Blanche do Rio, começando por “A Montanha de Ouro”, da Bélgica, exibido na quinta. Nesta sexta tem “Forrageado-

Ponte ecológica Brasil x Suíça



Contra a Maré (Índia)

Fotos: Divulgação



A Vida em Comum (Argentina)



Forgeadores (Palestina)

res” (Palestina), às 16h30. No sábado tem “A Cidade Que se Mudou” (Polônia), às 20h30. Na segunda, será exibido o argentino “A Vida em Comum”, às 16h30. Terça é dia de ir à Índia nas imagens de “Contra a Maré”, às 16h30. Quem fecha o pacote, no dia 3, é “Far West” (Portugal), às 16h30. Moussa conversa com o público após as sessões de cada atração.

“São filmes que mostram como a Terra reage aos riscos de desaparecimento”, disse Moussa, que cita um marco dos anos 2000 entre os longas que o formaram. “Eu cresci vendo .docs na TV, mas ao assistir a ‘O Homem Urso’, de Werner Herzog, minha visão sobre o cinema de não

ficção foi a um outro patamar. Hoje, vejo muitos documentários nos streamings. Talvez as plataformas estejam impondo uma formatação para as narrativas do real, mas ampliaram a visibilidade para o que documentaristas fazem”.

Ele cita com orgulho a participação de uma produção (luso-)brasileira no último Visions du Réel: “Aurora”, de João Vieira Torres. Na sequência de um sonho, seu diretor parte em busca das crianças que sua avó Aurora, parteira, ajudou a nascer. Por meio de encontros com vivos e mortos, ele descobre destinos trágicos que refletem uma história estrutural de violência contra as mulheres.

“Embora existam nesse filme muitas questões que o cinema brasileiro costuma abordar, como a agressão contra a mulher, ele segue uma forma muito original”, disse Moussa.

O filme de encerramento da mostra competitiva do Filmambiente, a ser exibido no dia 3, às 20h30, é “Paraíso”, da carioca Ana Rieper (de “Vou Rifar Meu Coração”), que participa do debate após a exibição. O longa, que parte de uma narrativa musical, pautada no uso de arquivos, propõe uma viagem inquieta por relações forçadas pela posse de terras. É uma sinfonia popular sobre violência, resistência, força e afeto.